



Sites de jornalismo cidadão na América Latina: uma análise comparativa do Brasil Wiki e do Mi Asterisco¹

Mariana DOURADO²
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

Resumo

Pela Internet, os cidadãos participam da produção de notícias em uma prática com potencialidade para uma reestruturação da esfera pública e fortalecimento da cidadania, sem desbancar o jornalista profissional do seu papel mediador. Na América Latina, sites totalmente colaborativos criam espaços mais plurais e democráticos. O Brasil Wiki tem ênfase literária e demonstra preocupação com a credibilidade e os direitos autorais das informações publicadas. Já o argentino Mi Asterisco propõe um engajamento social, extrapolando a mobilização para além do virtual e criando laços sociais mais fortes entre os participantes. Entretanto, não possui controle profissional das publicações, debilitando seu caráter jornalístico. A postura distinta demonstra formas diferentes da cultura de cada país se apropriar do jornalismo cidadão.

Palavras-chave: jornalismo cidadão; América Latina; Brasil Wiki; Mi Asterisco.

Introdução

Este artigo tem como finalidade fazer uma análise comparativa de sites de Jornalismo Cidadão (JC)³ de dois países da América Latina, a fim de levantar diferenças e semelhanças da proposta e prática colaborativa, observando se caminham ou não para uma mesma direção quanto ao uso do conteúdo cidadão no jornalismo online e verificando se existe uma prática sócio-cultural de apropriação das ferramentas interativas da internet parecida entre os países.

A análise se limita a um levantamento inicial e exploratório da forma como se apresentam os sites, como se estruturam e de que maneira o público interage e participa, sendo possível, assim, apontar características elementares desse novo tipo de produção noticiosa. Embora o trabalho também comente, ele não se dedica a uma análise profunda da participação em si e seus conteúdos publicados, mas apenas traz uma breve

¹ Trabalho apresentado no GT de Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mariana Dourado Grzesiuk, mestranda do Curso de Comunicação da UNESP-FAAC (Bauru/SP), email: mari_mdg@hotmail.com.

³ Também chamado de jornalismo participativo, colaborativo ou *open source*, é aquele em que as pessoas sem formação jornalística participam ativamente da produção de conteúdos jornalísticos, passando por processo de edição realizado por profissionais que garantam a credibilidade das informações divulgadas (BRAMBILLA, 2006).



reflexão sobre sua estrutura participativa e a maneira como se apresenta ao público em busca de sua adesão e colaboração. A metodologia consiste na observação da estrutura dos sites e entrevistas por e-mail com os responsáveis pela iniciativa.

Os sites escolhidos foram o Brasil Wiki⁴ e o argentino Mi Asterisco⁵. A seleção foi feita com base em pesquisa na rede que apontou a similaridade das propostas: a de manter um canal de informações aberto a publicações de quaisquer indivíduos, se tornando ferramenta plural e democrática para a distribuição de notícias e opiniões. Além disso, são iniciativas independentes de qualquer veículo de comunicação ou instituição empresarial

A comparação é importante para a troca de informações entre os países, permitindo avaliar os diferentes rumos de uma prática ainda recente e incerta, mas que desponta como tendência em todo o mundo. Dessa forma, toda e qualquer reflexão sobre a nova prática que enriqueça e colabore para o entendimento da mesma deve contribuir para seu desenvolvimento e consolidação.

1. Jornalismo cidadão

No noticiário da TV, a apresentadora chama a atenção para imagens exclusivas feitas por um cinegrafista amador que mostra momentos depois da explosão de uma bomba em um metrô. Na Internet, surgem milhares de outras imagens, captadas de celular, vídeos e fotos com diversos ângulos da mesma tragédia. Nos blogs, várias pessoas expõem relatos do que viram e presenciaram. Muitas outras deixam comentários solidários, questionam, atualizam com informações e contextualizações, exteriorizam opiniões sobre os fatos, as conseqüências e os desdobramentos. Em pouco tempo, o terrorismo é assunto de debate em fóruns, chats, sites especializados. Nas redes sociais, pessoas passam a formar grupos de ajuda e assistência às vítimas, de apoio a uma causa ou de luta contra outra. A web passa a abrigar um diálogo aberto a todo tipo de opinião.

Tudo isso é possível graças às tecnologias que permitem a fácil produção e distribuição de informações por qualquer indivíduo, de forma interativa e participativa – desde o desenvolvimento de gravadores minúsculos e integrados aos celulares à grande

⁴ <<http://www.brasilwiki.com.br/>>

⁵ <<http://www.miasterisco.com.ar/>>



rede mundial de computadores, a Internet. Entre os vários exemplos do uso concreto da participação, podemos citar o atentado do 11 de setembro ao World Trade Center, ao massacre de Virgínia, a tragédia natural dos *tsunamis*, as enchentes em Santa Catarina.

É esse tipo de mobilização ativa que o JC explora ao incorporar a audiência na produção de notícias, propondo que qualquer pessoa possa produzir e publicar matérias. É quando os indivíduos passam a ter papel ativo no recolhimento, análise, escrita e divulgação de informações – funções que antes eram restritas aos meios de comunicação. Com base nessa comunicação interativa e com uma estrutura não vertical, a emissão e a recepção são flexíveis e se alternam.

O jornalismo deixou de ter mão única para ser um processo em que estão desaparecendo as barreiras entre produtores e consumidores de informação – e no qual o jornalista perdeu a exclusividade do manejo e da transmissão de notícias. [...] A idéia central é a de que a elaboração da notícia está se tornando um processo contínuo, colaborativo e interativo (CASTILHO, 2004, s/p).

Com a Internet, a elaboração das notícias e as ferramentas de publicação passam a ser de domínio público e não mais reservadas a umas poucas empresas de comunicação. Qualquer pessoa pode acumular funções de repórter, redator e editor e interferir no conteúdo que passa a ser não linear e atualizável. Uma mesma pessoa pode levantar, apurar, elaborar, suprimir e acrescentar partes, redirecionar o texto na linha que lhe aprouver e ainda difundi-lo instantaneamente pela Internet. Nada mais propício ao surgimento de novos emissores, novos jornais online, novos espaços interativos. O JC desbanca o papel do jornalista como único mediador. “*The lines will blur between producers and consumers [...] The communication network itself will be a medium for everyone’s voice, not just the few who can afford to buy multimillion-dollar printing presses [...]*”⁶ (GILLMOR, 2004, p. 5).

Devido a essa participação, pode-se ter acesso a imagens que dificilmente são feitas pela mídia tradicional – uma vez que é impossível prever todos os acontecimentos ou estar com uma equipe de reportagem de plantão em todas as esquinas. O acréscimo se dá também com a inclusão de novos e diferentes pontos de vista. “[...] o público acrescenta conteúdo, opina ou mesmo apresenta novas versões da informação inicial. Isso gera um espaço de troca e diversidade” (BRAMBILLA, 2006, p. 7). Diversidade

⁶ Tradução livre: As linhas divisórias entre produtores e consumidores irão deixar de serem nítidas [...]. A rede de comunicação em si será meio para divulgação das vozes de todos e não apenas dos poucos que podem pagar por multimilionárias máquinas de impressão.



essa que comprova o potencial democrático da rede e tem potencial para equilibrar o poder da informação ao exercer uma concorrência às mídias tradicionais (VILCHES, 2006). “[...] [as mudanças] apontam para a debilitação do controle político do jornalismo e para a existência de um campo jornalístico que é, cada vez mais, uma arena de disputa entre todos os membros da sociedade” (RODRIGUES, 2006, p. 56). O público pode assim influenciar a esfera de produção das informações, interferir nos conteúdos e nas grades de programação, proporcionar surgimento de novas linguagens e novas práticas comunicativas. As mídias deixam de ser instrumento de empresas privadas para serem ferramentas de visibilidade e estímulo do debate público (ALMEIDA, 1998).

[...] do ponto de vista social, a Internet é um estímulo ao protagonismo, à pluralidade, diversidade, favorecendo a crítica e disseminando-a. Além de suportar recursos de multimeios [...], propiciou o aumento da oferta de informação gratuita em todos os setores e viabilizou a emergência da interatividade em diversos graus (SOARES, 2006, p.132).

Brambilla (2006) destaca a colaboração em torno da participação do público. “O jornalismo *open source* tem como ponto de partida a agregação do trabalho espontâneo de interagentes que compartilhem os mesmos interesses e, com isso, troquem informações visando satisfazer as necessidades dos outros membros e se projetar na comunidade” (BRAMBILLA, 2006, p. 71). O objetivo é fortalecer as bases dialógicas dos meios de comunicação, reforçando a função de despertar e incentivar o potencial espírito crítico do público. A matéria publicada deixa de ser o fim para ser o ponto de partida do trabalho da comunicação, nas quais se desenvolvem debates e interações.

Gillmor (2004) explica o fenômeno comparando-o a um diálogo. Ao contrário da rede, as mídias tradicionais, seriam como palestras, discursos ou conferências, nos quais poucos falam para muitos apenas ouvirem e o público não tem opções.

*Big Media, in any event, treated the news as a lecture. We told you what the news was. You bought it, or you didn't. You might write us a letter; we might print it. (If we were television and you complained, we ignored you entirely unless the complaint arrived on a libel lawyer's letterhead.) Or you cancelled your subscription or stopped watching our shows*⁷ (GILLMOR, 2004, p. 5).

⁷ Tradução livre: A Grande Mídia, em todos os eventos, tratou as notícias como uma conferência. Nós dizíamos o que as notícias eram. Você comprava, ou não comprava. Você podia nos escrever uma carta; a gente podia publicá-la. (Se nós fôssemos uma emissora de televisão e você reclamasse, nós o ignoraríamos completamente, a não ser que a reclamação chegasse estampando o nome de um advogado). Ou você cancelava a assinatura ou parava de assistir nossos shows.



Entre as principais motivações para a participação do público na mídia – além das tragédias e acontecimentos de grande repercussão – está a insatisfação com o conteúdo que é apresentado na mídia tradicional, como quando falta aprofundamento, ou quando o cidadão se irrita com imprecisões e erros (PRIMO; TRÄSEL, 2006). Gillmor (2004) afirma que a prática do JC se deve à necessidade que a audiência sente em uma maior transparência na comunicação. “[...] *the public is demanding more transparency in our own field, and is doing some reporting of its own when we fail to respond in satisfying ways*”⁸ (GILLMOR, 2004, p. 61). Assim, os indivíduos são motivados a expor suas opiniões, temas diferentes e novos enfoques – representando a oportunidade do público se expressar sobre o que lhe interessa e preencher as lacunas da mídia tradicional.

*Cada vez más, las audiencias llegan a ser parte interesada en el proceso noticioso. En lugar de aceptar pasivamente la cobertura noticiosa decidida por un puñado de editores, disparan correos electrónicos, publican en weblogs y foros sus críticas sobre las deficiencias editoriales que perciben y apoyan o financian empresas editoriales independientes*⁹ (BOWNMAN; WILLIS, 2003, p. 54).

Mesmo com a abertura à participação, Brambilla (2006) reforça a necessidade do jornalista como o profissional mediador e a autoridade que dá credibilidade aos assuntos debatidos pelo público. A autora rebate a idéia de que o jornalismo cidadão não passa de marketing uma vez que o jornalista profissional continua na posição de editor, aplicando os mesmos critérios profissionais. Ela argumenta que a edição é necessária à credibilidade e não anula o conceito da intervenção do público nas notícias, que participa ativamente em diversas escolhas, a começar pelos temas (BRAMBILLA, 2006). Dessa forma, só o crivo profissional é capaz de elevar a informação ao status de notícia, avaliando a credibilidade e a veracidade dos dados divulgados e organizando-os hierarquicamente dentro do produto jornalístico. Rodrigues (2006) também partilha da mesma opinião. “Qualquer um pode publicar, mas a necessidade de um mediador ainda existe” (RODRIGUES, 2006, p. 63). Nesta reconfiguração, o jornalista teria como

⁸ Tradução livre: [...] o público demanda por mais transparência no nosso campo de atuação, e está fazendo algumas reportagens por si mesmo quando nós falhamos em correspondê-lo de modo satisfatório.

⁹ Tradução livre: Cada vez mais, as audiências começam a ser parte interessada no processo noticioso. Em vez de aceitar passivamente a cobertura noticiosa determinada por um punhado de editores, disparam correios eletrônicos, publicam nos weblogs e nos fóruns suas críticas sobre as deficiências editoriais que percebem e suportam ou financiam empresas editoriais independentes.



principal função juntar as idéias e dá-las um formato agradável ao público. Assim, “[...] desmistificaria o jornalista como um propagador de pontos de vistas soberanos, instituindo-o como alguém que consolida uma informação que vem do público, a que se acrescenta a importância que o jornalista assume no estímulo à discussão pública de pautas com diferentes enfoques” (BRAMBILLA, 2006, p.53).

A participação do público pode ser aproveitada de diversas maneiras, desde comentários, sugestões de pautas e enfoques, perguntas, envio de fotos, textos, áudios e vídeos. Muitas empresas incorporam esses conteúdos como recurso de interatividade, como o portal informativos do Terra¹⁰, com o canal VC Repórter, e o portal de notícias da Rede Globo G1¹¹, com o VC no G1¹². Mas existe até mesmo a produção e manutenção de sites inteiros de forma colaborativa, que agrupam um conjunto de pessoas que simplesmente desejam escrever e publicar matérias, expor pontos de vista ou abordar assuntos que não recebem destaque na grande mídia. O exemplo mais famoso é o portal sul coreano OhMyNews¹³, que inspirou a criação de sites semelhantes em todo o mundo. Criado em fevereiro de 2000, o site é voltado para a publicação de matérias jornalísticas e já possui mais de 35 mil colaboradores que enviam uma média diária de 200 notícias – e recebem remuneração por isso. O site, que também conta com o trabalho de 35 profissionais na edição e organização do material, tem 15 milhões de visitantes por dia, aproximadamente 35% da população do país (CASTILHO, 2004). Alcançou tamanha popularidade que ganhou uma versão internacional¹⁴.

Na América Latina a iniciativa do jornalismo baseado na lógica colaborativa também está presente, como veremos nos exemplos comparados a seguir.

2. Brasil Wiki

Lançado na web em novembro de 2006, o Brasil Wiki (BW) é um site colaborativo, em que o internauta pode publicar textos, fotos ou vídeos. Tendo como slogan “Você é o repórter”, nasceu de uma parceria entre os jornalistas Eduardo Mattos

¹⁰ <<http://www.terra.com.br/>>

¹¹ <<http://www.g1.com.br/>>

¹² <<http://g1.globo.com/VCnoG1/0,,8491,00.html>>

¹³ <<http://www.ohmynews.com/>>

¹⁴ <<http://english.ohmynews.com/>>



e José Aparecido Miguel, inspirados no sucesso do OhMyNews. O empreendimento foi inovador no país e hoje são mais de 2.100 usuários cadastrados no site, que se dedica a abrir espaço para todos publicarem informações, criticando a forma unidirecional da imprensa tradicional.

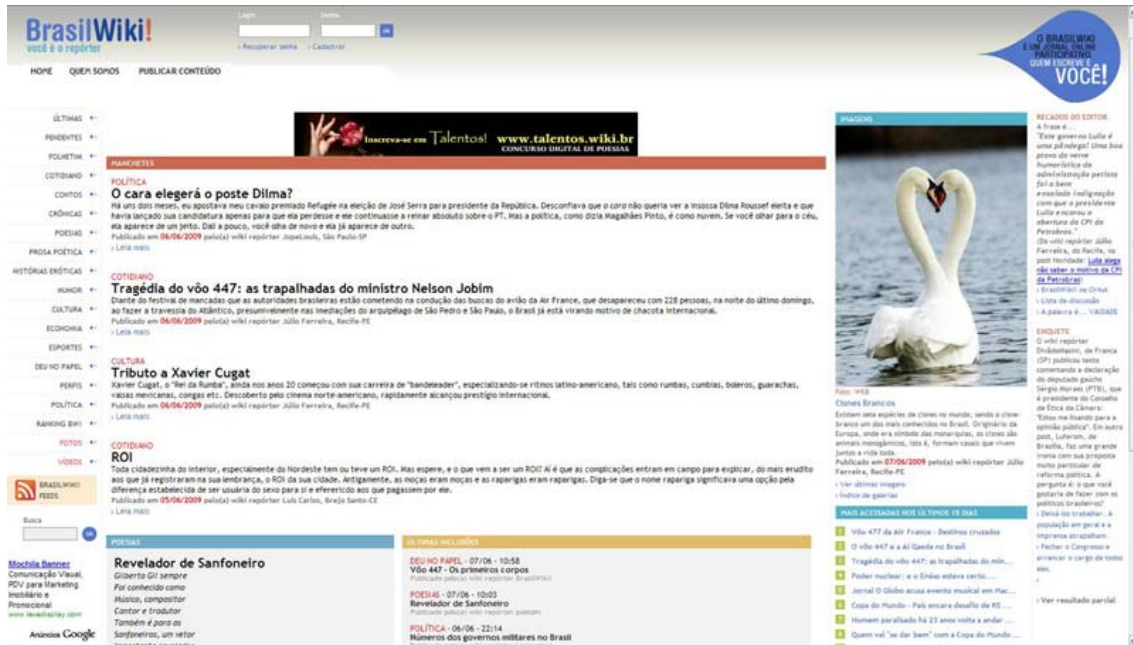


Figura 1 – Página inicial do BW do dia 07 jun 09.

Na página inicial (Figura 1), é possível encontrar as matérias que receberam destaque. Logo abaixo, identificado pela cor azul, há um espaço para poesias e, ao lado, as últimas matérias publicadas. O menu do lado esquerdo contém links para as matérias, fotos e vídeos. As matérias são divididas em 13 editorias temáticas: Folhetim (com histórias ficcionais publicadas em capítulos), Cotidiano, Contos, Poesias, Prosa Poética, Histórias Eróticas, Humor, Cultura, Economia, Esportes, Deu no papel (seção reservada para textos que são baseados em publicações de outros veículos de comunicação), Perfis e Política. Por essa divisão, é notável o destaque dado às publicações literárias. Nesse menu também é possível encontrar o link Últimas, com os conteúdos mais recentes, e Ranking BW!, com a classificação de matérias e autores mais lidos. À direita da página, há duas colunas. Na primeira, uma foto recebe destaque e, logo abaixo, aparece uma lista com as matérias mais acessadas, seguida de outra lista com aquelas que possuem material de vídeo. Na coluna mais à direita, o site exibe Recados do Editor e uma enquete sobre assuntos da atualidade. Nas páginas de conteúdo, a matéria é apresentada



com o número de acessos em destaque e é possível adicionar comentários que são publicados logo abaixo dela.

Além da presença maciça de textos literários (poesias e contos), a diferença mais evidente em relação ao conteúdo tradicional é que 90% dos textos são opinativos, comentando os assuntos divulgados amplamente na grande mídia ou até mesmo reproduzindo-a. Em geral, os usuários enviam conteúdos sobre determinados temas de seus interesses, geralmente focando contribuições em uma editoria específica. As editorias que mais recebem conteúdo é a de Cotidiano e a de Poesias.

A média diária é de quinze matérias recebidas. Destas, muitas recebem fotos ilustrativas, que não são destacadas na página inicial. Já a publicação de apenas imagens e de vídeos tem número de participação bem inferior, com no máximo três em um dia e, às vezes, o site fica vários dias sem novos conteúdos nessas categorias.

Para ser um wiki-repórter e enviar materiais, é necessário fazer um cadastro com informações simples como nome, profissão, data de nascimento, cidade e e-mail. É preciso também concordar com os termos de uso (disponível no link Quem Somos¹⁵), que determina a não divulgação de conteúdos criminosos, exemplificados como material racista, homofóbico, de pedofilia, de apoio ao tráfico de armas, de incitação à violência, de intolerância religiosa, de incentivo à prostituição infantil, de apologia ao tráfico e uso de drogas, ou com intuito difamatório ou calunioso. Neste mesmo documento, os editores firmam acordo em preservar a diversidade do conteúdo, propondo ampliar a oferta de informação.

Antes de ser publicado, o material passa por uma edição de jornalistas profissionais que revisam todos os conteúdos. As matérias que são enviadas caem no link Pendentes – já podendo ser lidas pelos internautas –, no qual os editores as acessam, editam e dão maior ou menor destaque dentro do portal. Por meio desse trabalho, são verificadas a possibilidade de plágios, a veracidade das informações e a correção ortográfica. De acordo com a entrevista realizada com Mattos, as modificações que acontecem são as mínimas possíveis, para resguardar a originalidade do conteúdo. E ele ressalta que a opinião do texto nunca é modificada, mas admite que, para tornar a idéia mais clara, um texto pode ser alterado.

O entrevistado ainda esclarece que a interação entre os colaboradores e os jornalistas editores – feita por e-mail – tem mão dupla, ou seja, tanto os profissionais

¹⁵ <http://www.brasilwiki.com.br/sobre.php?id_noticia=2>



podem entrar em contato para esclarecimentos sobre o conteúdo e checar informações, quanto os cidadãos podem pedir explicações sobre cortes ou mudanças e até solicitar o bloqueio dos textos que escreveram.

Mesmo mantendo jornalistas profissionais na edição, a visão de Mattos sobre a credibilidade é de algo difícil de ser julgado pela predominância opinativa. Para ele, imparcialidade é um termo que não é seguido nem pelos jornais tradicionais e, nesse aspecto, o jornalista considera o JC mais honesto.

Nossos jornais tem [SIC] seus valores: eles são contra o aborto, a favor da economia de mercado, defendem o Serra e atacam o Lula. Eles são imparciais? BW, neste aspecto, é honesto com quem escreve e quem lê. Ali tudo tem nome. Os fascistas escrevem atacando os comunistas [...] e quem é de esquerda defende o governo (MATTOS, em entrevista).

Mattos afirma que a responsabilidade dos conteúdos publicados no site é de quem escreve e que matérias consideradas inapropriadas podem ser retiradas. Ele lembra ainda que aquele que se sentir ofendido ou prejudicado pode ganhar um espaço para a defesa ou resposta. Assim, ele resume que a grande vantagem do jornalismo cidadão é a democracia.

Penso que a mídia tradicional, até por conta de suas limitações físicas (ampliar o número de páginas para permitir maior participação das pessoas inviabilizaria a indústria de comunicação impressa), não consegue atender à grande demanda das pessoas por se manifestar. Há muita gente que quer expressar sua opinião sobre o que acontece no país e no mundo, expor idéias e dividir conhecimento e experiências. Por esse aspecto, BW torna-se uma ferramenta para irradiar democracia (MATTOS, em entrevista).

Por último, outro aspecto importante é a valorização do autor. Chamado de wiki-repórter – o que prestigia o indivíduo ao ser caracterizado por uma função social tida como relevante –, o usuário tem seu nome divulgado na matéria e também nas chamadas, na página inicial, o que ao mesmo tempo valoriza a autoria como a responsabiliza pelo conteúdo divulgado, conforme afirmado anteriormente por Mattos. Além disso, a autoria é sempre acompanhada do nome da cidade e estado em que mora o colaborador. Essa informação possibilita uma identificação espacial que pode atrair leitores, trazendo a idéia de proximidade e, com ela, uma sensação de maior confiabilidade, já que explicita de onde vêm as informações.



3. Mi Asterisco

O site argentino Mi* ou Mi Asterisco (MI) – que em português significa Meu asterisco ou Meu grifo – possui uma estrutura bem diferente. Ao invés de ser um portal de notícias, ele é uma rede de blogs, isto é, cada colaborador cria sua própria página dentro do portal, podendo atualizar com qualquer tipo de conteúdo (textos, fotos, áudios, vídeos). Enquanto rede, o portal possibilita a criação de grupos e fóruns, integrando os participantes de forma muito mais profunda e de acordo com seus interesses pessoais. Além disso, outras ferramentas de interatividade agregadas ao portal também proporcionam dinamicidade aos debates que se originam, como comentários, mensagens entre participantes, recados e alertas de conteúdos.

O portal está no ar desde março de 2008 e é um projeto da professora e jornalista Sandra Della Giustina, que há mais de 20 anos trabalha com publicações voltadas para o público juvenil. Com o site, o objetivo é ensinar e engajar jovens da língua espanhola (abarcando vários países da América Latina) a participar ativamente da comunidade através do JC. Em entrevista, Giustina explica que o site desafia o público a produzir debates críticos sobre temas polêmicos, formar grupos, publicar notícias e expressar opiniões.

[...] el valor más importante de una red como MI es su capacidad de contener aportes periodísticos de lo más diversos, sin límites de tiempo, espacio o condicionamiento político. Fíjate que son muy pocos los espacios masivos donde estas tres condiciones se den sin restricción. [...] la propuesta de MI los convoca a ejercer su derecho de expresarse (garantizado en el art.19 de la Declaración de Derechos Humanos) y a su vez hacerse cargo de sus ideas, puesta en debate ante sus pares de distintos países. Eso es lo verdaderamente fabuloso de MI. Tal vez porque todos tuvimos alguna vez la fantasía de pegar un grito y que sea escuchado desde Ushuaia hasta Alaska. De eso se trata la red MI¹⁶ (GIUSTINA, em entrevista).

Na página inicial (Figura 2) é possível ver em destaque a foto de membros com links para seus blogs pessoais. Logo abaixo, há uma lista com as últimas atualizações dos blogs (de textos, fotos, vídeos) e atividades de fóruns de debate e dos grupos. Os

¹⁶ Tradução livre: [...] o valor mais importante de uma rede como o MI é a sua capacidade de conter as mais diversas contribuições jornalísticas, sem limites de tempo, espaço ou condicionamento político. Note que poucos meios de comunicação de massa possuem essas três condições sem restrição. [...] a proposta de MI convoca o público a exercer seu direito de expressar-se (garantido no artigo 19 da Declaração de Direitos Humanos) e a registrar suas idéias, colocadas em debate diante de seus pares em diversos países. Isso é algo verdadeiramente fabuloso em MI. Talvez porque todos nós tivemos alguma vez a fantasia de dar um grito que fosse escutado desde Ushuaia até o Alaska. Disso que se trata a rede MI.



destaques na página inicial aparecem automaticamente após a inclusão de conteúdo no blog feita pelo internauta. Ao lado esquerdo, várias chamadas convidam à participação e à utilização das diversas ferramentas disponíveis. Também aparecem links de sites de jornais e espaços para compartilhamento de música. Do lado direito, aparecem peças publicitárias, login de usuários, links para sites externos e lista de aniversariantes.



Figura 2 - Página inicial do Mi Asterisco do dia 07 jun 09.

O menu aparece na parte de cima do site, na horizontal. Nele é possível ter acesso a links para as publicações de textos, fotos, vídeos, grupos e outros. Em *Portada*, o internauta tem acesso à página inicial. *Mi Página* é o link para fazer o login e entrar na página pessoal. Em *En Comunidad* aparecem os membros, os blogs e os fóruns disponíveis. É nesse link que também aparece a página *Desafío Mi* com algumas explicações sobre as formas de participação e proposição de temas. Isso também acontece no link *Empezando Mi**, que traz várias dicas de como participar, como escrever em linguagem simples e compreensível. *Hacemos Mi** faz um resumo da proposta do projeto, convidando à participação.

O site possui ainda outros dois links que são os grandes diferenciais. O primeiro é o *Eventos*, que mostra a agenda de encontros em lugares e dias pré-determinados para debates e discussões. Com isso, o envolvimento dos participantes extrapola os limites virtuais e cria laços mais fortes de colaboração. O segundo é o link *Taller*, com

informações sobre as oficinas de jornalismo, oferecidas presencialmente por Giustina, para ensinar os jovens e orientá-los na prática do JC – o que agrega valor ao conteúdo.

Na página pessoal (figura 3) em que mantém o blog com o conteúdo, o usuário pode ainda escrever um perfil pessoal completo, acrescentar aplicativos – como mapas interativos e jogos –, configurar o layout da página trocando cores, imagens de fundo e outros. Os amigos com quem o usuário se relaciona, os grupos a que pertence e eventos que participa são listados ao lado esquerdo da página. No centro, também há espaço para o registro de todas as atividades e atualizações feitas.



Figura 3 - Blog de um colaborador do MI do dia 07 jun 09.

O fato de o indivíduo possuir um espaço próprio, no qual pode alterar as configurações como deseja, permite que ele crie um ambiente único com o qual se identifique, reforçando vínculos com o site e levando a uma participação maior. Com relação à quantidade, Giustina explica que é flutuante e não há dados computados, entretanto, pelas datas de publicação, observamos que o número de colaborações por dia é pequeno, três, duas e, às vezes, nenhuma. Os conteúdos das postagens também são bem caracterizados pelo gênero opinativo, sendo meio para críticas duras e desabafo de insatisfações, em especial à mídia tradicional. Já o uso multimidiático de vídeo e áudio é maior se comparado ao BW, pela facilidade das ferramentas interativas.

A grande crítica é quanto ao controle das informações publicadas. Os usuários realizam publicações que não passam por nenhuma aprovação dos responsáveis pelo



site antes de ir ao ar. Embora dê uma liberdade de ação muito maior aos usuários, prejudica a credibilidade do conteúdo. Uma equipe de cinco colaboradores realiza um controle mínimo de moderação que Giustina define como um controle lateral, se limitando a enviar sugestões, conselhos e alertas para os usuários.

[...] la política que tenemos en MI es abrirla a que los miembros periodistas ciudadanos editen sus noticias de manera libre. NO intervenimos en la edición. Esto presenta como notarás algunos inconvenientes (ortográficos especialmente) pero nos parece mucho más rico que se noten las diferencias regionales en el lenguaje cotidiano, cosa que si editáramos se perdería. Sí hacemos sugerencias, enviamos mensajes a los miembros cuando algo está mal expresado¹⁷ (GIUSTINA, em entrevista).

Com isso, também é mantida a responsabilidade do conteúdo unicamente aos usuários. Para Giustina, o fato do cadastro solicitar dados reais de cada membro faz com que cada um seja mais responsável pela publicação, como se não fosse possível inventar personalidades fictícias no cadastro.

O grupo de moderadores pode também dar destaque especial na página inicial a algum conteúdo mais polêmico. Entretanto, esse tipo de interferência não se preocupa com a credibilidade das informações, correções de dados e outros pontos-chaves para a manutenção da credibilidade, colocando em risco todo o caráter jornalístico do projeto, embora Giustina garanta que não houve nenhum tipo de abuso durante um ano e meio de vida do site.

4. Considerações finais

O site BW possui uma estrutura de organização dos conteúdos muito mais próxima com os sites jornalísticos tradicionais, mas com ênfase no conteúdo literário e sem um uso efetivo dos recursos multimídias, que se limita a poucas fotos e vídeos. O site se propõe e consegue ser um espaço de abertura para qualquer pessoa expressar suas opiniões, sem deixar de manter o jornalista profissional na edição dos conteúdos, demonstrando um cuidado muito maior com a credibilidade e os direitos autorais das informações publicadas.

¹⁷ Tradução livre: [...] a política que temos no MI é de abri-lo para que os membros jornalistas cidadãos editem suas notícias de maneira livre. NÃO intervimos na edição. Isso representa, como notou, alguns inconvenientes (especialmente ortográficos), mas nos parece muito mais rico deixar que se notem as diferenças regionais na linguagem do cotidiano – coisa que se perderia se editássemos. Se algo não estiver expresso de forma clara, enviamos mensagens com sugestões aos membros.



O MI possui um comprometimento cidadão muito mais forte do que o BW, pois procuram envolver os participantes em debates e discussões sobre a comunidade em que vivem, buscando claramente um engajamento social. Assim, o site torna as experiências muito mais positivas, ao demonstrar uma preocupação social no incentivo às reflexões críticas na inclusão do público jovem.

Sem dúvida, é o MI que consegue melhor integrar as ferramentas interativas, criando vínculos sociais de colaboração e compartilhamento mais fortes entre os participantes, extrapolando o ambiente virtual com encontros em ambientes físicos. Entretanto, é esse site que foge da proposta do JC ao não possuir controle profissional jornalístico sobre as publicações. A moderação que existe é fraca e não garante a credibilidade das informações. Mesmo com uma proposta inovadora e ações além do espaço virtual, entendemos que a edição do conteúdo cidadão feita por jornalistas formados é imprescindível para que a prática seja considerada jornalística, oferecendo a credibilidade necessária para legitimar os conteúdos. Caso contrário, como afirma Brambilla (2006), as contribuições do público deixam de ser uma prática participativa de jornalismo para ser apenas conteúdo colaborativo espalhado na rede.

Entendemos que os dois objetos em análise são objetos reduzidos e não necessariamente expressam ou são representativos das condições de países inteiros. Entretanto, a partir deles, podemos projetar algumas inferências culturais. Pois além da presença ou não de profissionais na edição, a diferença da estrutura colaborativa entre as experiências demonstra duas formas distintas de posicionamento pelas quais a cultura de cada país se apropria do JC: uma simplesmente como um espaço aberto a todos os tipos de publicação, outra que se preocupa em promover interação entre os participantes, integrando-os em reflexões críticas sobre a sociedade. No site argentino, a idéia de mobilização e interação social é mais forte, enquanto, no brasileiro, predominam as experiências participativas individuais, com pouca interação entre si.

Em toda a história, a mobilização social argentina é algo enraizado culturalmente. A Praça de Maio, por exemplo, foi e é palco de inúmeros protestos populares. Não que o Brasil possua um povo totalmente apático, porém, na Argentina, os movimentos sociais revelam maior significado, caracterizados pela maior expressão, maior violência e maior repercussão (FAUSTO; DEVOTO, 2004). Essas características culturais distintas refletem nos produtos de interação social, como os sites de JC. Em ambos os países, os sites representam práticas com objetivos semelhantes, mas com



características distintas e peculiares de cada um, não demonstrando homogeneidade nas práticas comunicativas colaborativas na América Latina.

Referências

ALMEIDA, Jorge. **Mídia, Opinião Pública ativa e Esfera Pública democrática**. 1998. Trabalho apresentado no GT Comunicación, Médios de Difusión y Política del IV Congreso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación (IV ALAIC). Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/3gt/Jorge%20Almeida.rtf>>. Acesso em: 02 mai 09.

BOWNMAN, Shayne; WILLIS, Chris. **Nosotros, el medio**: Cómo las audiencias están modelando el futuro de las noticias y la información. The Media Center at the American Press Institute: Reston, 2003.

BRAMBILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source**: discussão e experimentação do *OhmyNews International* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

CASTILHO, Carlos. Cada cidadão é um repórter. **Observatório da Imprensa**, 2004. Não paginado. Acesso em 02 mai 09. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=275ENO001>>.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. Os movimentos sociais. In: _____. **Brasil e Argentina**: um ensaio de história comparada (1850-2002). São Paulo: Editora 34, 2004.

GILLMOR, Dan. **We the media**: grassroots journalism, by the people, for the people. Sebastopol: O'Reilly Media, 2004.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. In: **VIII Congresso Latino-americano de Pesquisadores da Comunicação**, 2006, São Leopoldo. Anais, 2006.

RODRIGUES, Catarina. **Blogs e a fragmentação do espaço público**. 2006. LABCOM, Universidade da Beira Interior, Covilhã - Portugal. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom/pdfs/rodrigues-catarina-blogs-fragmentacao-espaco-publico.pdf>>. Acesso em: 02 mai 09.

SOARES, Murilo César. A luta pela democratização dos meios e as tecnologias digitais. In: **Revista Comunicação Midiática**. Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação/ Universidade Estadual Paulista – Número 5 (Ano 3 – Setembro de 2006), Bauru/SP – UNESP.

VILCHES, Lorenzo. Migrações midiáticas e criação de valor. In: MORAES, Denis de (org.) **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.